

## MENINOS E MENINAS DE RUA

Essas crianças são, em sua maioria, meninos e meninas entre sete e dezessete anos, que vivem na rua trabalhando para se sustentarem e/ou para ajudar no sustento de suas famílias, que quase sempre são pobres demais para atender às necessidades básicas de seus filhos. Quando estão na rua, essas crianças são efetivamente desamparadas da proteção familiar e da comunidade, tornando-se, em consequência, vulneráveis à exploração de terceiros e a uma variedade de perigos físicos e morais. Muitas passam virtualmente nas ruas todas as horas em que estão acordadas, e algumas até suas noites, tendo, portanto, pouco ou nenhum acesso aos serviços básicos, tais como os relativos à saúde e à educação. Em decorrência disto, são poucas as perspectivas de se desenvolverem e conquistarem um futuro melhor. Assim sendo, essas crianças representam um enorme desperdício de potencial humano, tanto para elas próprias quanto para a sociedade brasileira.

No I Seminário Latino-Americano sobre Alternativas Comunitárias para Meninos de Rua (Brasília/84) foram apontadas as seguintes características como sendo as mais comuns a essa criança:

- É prematuramente adulta e busca meios para sobreviver na rua, como consequência de um sistema social que a marginaliza;
- Atua, permanentemente, em atitude defensiva frente às pessoas, como resposta ao maltrato físico de que é objeto por parte do meio que a rodeia;
- Satisfaz suas necessidades básicas e reais na própria rua e com o seu grupo de pares, dorme, come e trabalha;
- Enfrenta crescentes dificuldades escolares que a leva à repetência e ao abandono dos estudos;
- Desenvolve habilidades especiais que lhe permite sobreviver;
- É um produto da carência de afeto familiar e social, o que influi negativamente no seu crescimento harmônico integral;
- O menino de rua é forte, astuto dentro do seu próprio meio.

Há, entretanto, uma nítida demarcação entre menino e menino de rua. São duas realidades distintas, embora vítimas e produtos de uma mesma situação nacional.

A problemática da menina de rua é muito grave por ser dupla condição de abandono e de ser mulher. Na rua ela está mais exposta, sofrendo as consequências de como se situa o papel da mulher na sociedade. Na família é rechaçada e o serviço doméstico não é valorizado como trabalho. Além disso, ela sofre as consequências da maternidade prematura, do abandono e da prostituição.

### OS MENINOS ESTÃO NA RUA

De quem é a culpa?

Da recessão? Do desemprego? Dos pais que "não ligam mais para a educação dos filhos"? Da necessidade de sobrevivência? Da escola?...

A família pobre não tem mais o direito de assumir suas crianças. O pai, na maioria das vezes desempregado

U

ou vivendo de biscates; a mãe, antes responsável direta pela educação dos filhos, tem que passar o dia todo fora trabalhando para complementar a renda familiar, quando não, para sustentar toda a família, deixando seus filhos "ao deus dará" nas áreas onde moram.

Na maioria dos casos essa renda não chega a cobrir nem mesmo as necessidades mínimas de alimentação, fazendo da fome uma presença constante no meio familiar. A incerteza do alimento, leva a segundo plano as outras carências como as de saúde, habitação e educação, e as crianças sabendo que não lhes sobram outras alternativas, partem para as ruas em busca de um trabalho, ou de um biscate que lhes garanta alguns trocados e com eles o pão do dia-a-dia.

Os atendimentos básicos, que são recebidos pela população como um favor, não chegam a cobrir um terço de suas necessidades mínimas, negando à criança pobre os direitos que são seus como o de brincar, o de estudar, o de ter saúde... o de ser criança.

O papel da escola na marginalização da criança pobre tem um peso muito grande, tendo em vista sua própria estrutura de funcionamento que é organizada tomando como referência a criança de classe média, fazendo-a sentir-se incapaz de alcançar os objetivos da escola que logo abandona em busca de algo que para ele é bem mais concreto: ganhar dinheiro para ajudar a família.

Chegando na rua, tudo é ameaçador: fome, frio, violência... Só as outras crianças lhe acolhem, e aos poucos ela vai se entrosando ao grupo, vivendo com eles uma experiência solidária, onde juntos, tentam se defender da enorme violência de que são vítimas, muitas vezes reproduzindo-a.

Olham com desconfiança as pessoas que deles se aproximam conscientes do desprezo e da agressão com que são vistos. Usam de agressividade como forma de preservação da própria dignidade.

Alguns mantêm vínculo com a família, fazendo-lhes visitas que vão se tornando cada vez mais escassas.

Não "aguentam" mais uma escola formal, porque sua experiência de vida é bem mais rica que os conteúdos vivenciados na escola, e por conta dessa mesma vivência, tornam-se por demais fortes para submeter-se a padrões rígidos e convencionais que desrespeitam toda sua experiência.

São criativos, corajosos e alegres, embora constantemente deixem transparecer sua revolta e o pouco caso que fazem da vida.

Fazem uso de drogas, sobretudo da cola de sapateiro, que segundo eles, ajuda a ficar "numa boa".

Pagam com a própria vida a vida de outras crianças que AINDA estão nas comunidades. Pois sua vida e sua morte são a DENÚNCIA do desprezo de uma sociedade capitalista selvagem que ignora e rechaça suas crianças, que por serem pobres desde as suas origens, não se constituem consumidores nem mesmo de alimentos básicos.

São despojados, nunca se propõem a acumular qualquer coisa. São solidários, repartem com os companheiros tudo que conseguem.

Sabem ser amigos fiéis de quem os ama de verdade, no entanto são sensíveis o bastante para não se deixarem enganar por atitudes nem por palavras, percebendo, na maioria das vezes, quando são usados.

São verdadeiros, respondem com hostilidade toda hostilidade que recebem.

São revolucionários, pois é a partir de suas vidas ou do seu "não viver" que denunciam toda injustiça social e desafiam "técnicos" e "técnicas" a reverem todos os seus conceitos sobre comportamento humano em busca de uma nova pedagogia sem favores que devolva à criança o que por direito lhe pertence.

- Texto compilado por José Humberto da Silva Filho e Maria Wanda Pereira, extraído das publicações: Projeto Alternativas de Atendimento aos Meninos de Rua - Uma Abordagem Crítica e É possível Educar na Rua?

U 7

## MENINOS E MENINAS DE RUA

Essas crianças são, em sua maioria, meninos e meninas entre sete e dezessete anos, que vivem na rua trabalhando para se sustentarem e/ou para ajudar no sustento de suas famílias, que quase sempre são pobres demais para atender às necessidades básicas de seus filhos. Quando estão na rua, essas crianças são efetivamente desamparadas da proteção familiar e da comunidade, tornando-se, em consequência, vulneráveis à exploração de terceiros e a uma variedade de perigos físicos e morais. Muitas passam virtualmente nas ruas todas as horas em que estão acordadas, e algumas até suas noites, tendo, portanto, pouco ou nenhum acesso aos serviços básicos, tais como os relativos à saúde e à educação. Em decorrência disto, são poucas as perspectivas de se desenvolverem e conquistarem um futuro melhor. Assim sendo, essas crianças representam um enorme desperdício de potencial humano, tanto para elas próprias quanto para a sociedade brasileira.

No I Seminário Latino-Americano sobre Alternativas Comunitárias para Meninos de Rua (Brasília/84) foram apontadas as seguintes características como sendo as mais comuns a essa criança:

- É prematuramente adulta e busca meios para sobreviver na rua, como consequência de um sistema social que a marginaliza;
- Atua, permanentemente, em atitude defensiva frente às pessoas, como resposta ao maltrato físico de que é objeto por parte do meio que a rodeia;
- Satisfaz suas necessidades básicas e reais na própria rua e com o seu grupo de pares, dorme, come e trabalha;
- Enfrenta crescentes dificuldades escolares que a leva à repetência e ao abandono dos estudos;
- Desenvolve habilidades especiais que lhe permite sobreviver;
- É um produto da carência de afeto familiar e social, o que influi negativamente no seu crescimento harmônico integral;
- O menino de rua é forte, astuto dentro do seu próprio meio.

Há, entretanto, uma nítida demarcação entre menino e menino de rua. São duas realidades distintas, embora vítimas e produtos de uma mesma situação nacional.

A problemática da menina de rua é muito grave por ser dupla condição de abandono e de ser mulher. Na rua ela está mais exposta, sofrendo as consequências de como se situa o papel da mulher na sociedade. Na família é rechaçada e o serviço doméstico não é valorizado como trabalho. Além disso, ela sofre as consequências da maternidade prematura, do abandono e da prostituição.

### OS MENINOS ESTÃO NA RUA

De quem é a culpa?

Da recessão? Do desemprego? Dos pais que "não ligam mais para a educação dos filhos"? Da necessidade de sobrevivência? Da escola?...

A família pobre não tem mais o direito de assumir suas crianças. O pai, na maioria das vezes desempregado



ou vivendo de biscates; a mãe, antes responsável direta pela educação dos filhos, tem que passar o dia todo fora trabalhando para complementar a renda familiar, quando não, para sustentar toda a família, deixando seus filhos "ao deus dará" nas áreas onde moram.

Na maioria dos casos essa renda não chega a cobrir nem mesmo as necessidades mínimas de alimentação, fazendo da fome uma presença constante no meio familiar. A incerteza do alimento, leva a segundo plano as outras carências como as de saúde, habitação e educação, e as crianças sabendo que não lhes sobram outras alternativas, partem para as ruas em busca de um trabalho, ou de um biscate que lhes garanta alguns trocados e com eles o pão do dia-a-dia.

Os atendimentos básicos, que são recebidos pela população como um favor, não chegam a cobrir um terço de suas necessidades mínimas, negando a criança pobre os direitos que são seus como o de brincar, o de estudar, o de ter saúde... o de ser criança.

O papel da escola na marginalização da criança pobre tem um peso muito grande, tendo em vista sua própria estrutura de funcionamento que é organizada tomando como referência a criança de classe média, fazendo-a sentir-se incapaz de alcançar os objetivos da escola que logo abandona em busca de algo que para ele é bem mais concreto: ganhar dinheiro para ajudar a família.

Chegando na rua, tudo é ameaçador: fome, frio, violência... Só as outras crianças lhe acolhem, e aos poucos ela vai se entrosando ao grupo, vivendo com eles uma experiência solidária, onde juntos, tentam se defender da enorme violência de que são vítimas, muitas vezes reproduzindo-a.

Olham com desconfiança as pessoas que deles se aproximam conscientes do desprezo e da agressão com que são vistos. Usam de agressividade como forma de preservação da própria dignidade.

Alguns mantêm vínculo com a família, fazendo-lhes visitas que vão se tornando cada vez mais escassas.

Não "aguentam" mais uma escola formal, porque sua experiência de vida é bem mais rica que os conteúdos vivenciados na escola, e por conta dessa mesma vivência, tornam-se por demais fortes para submeter-se a padrões rígidos e convencionais que desrespeitam toda sua experiência.

São criativos, corajosos e alegres, embora constantemente deixem transparecer sua revolta e o pouco caso que fazem da vida.

Fazem uso de drogas, sobretudo da cola de sapateiro, que segundo eles, ajuda a ficar "numa boa".

Pagam com a própria vida a vida de outras crianças que AINDA estão nas comunidades. Pois sua vida e sua morte são a DENÚNCIA do desprezo de uma sociedade capitalista selvagem que ignora e rechaça suas crianças, que por serem pobres desde as suas origens, não se constituem consumidores nem mesmo de alimentos básicos.

São despojados, nunca se propõem a acumular qualquer coisa. São solidários, repartem com os companheiros tudo que conseguem.

Sabem ser amigos fiéis de quem os ama de verdade, no entanto são sensíveis o bastante para não se deixarem enganar por atitudes nem por palavras, percebendo, na maioria das vezes, quando são usados.

São verdadeiros, respondem com hostilidade toda hostilidade que recebem.

São revolucionários, pois é a partir de suas vidas ou do seu "não viver" que denunciam toda injustiça social e desafiam "técnicos" e "técnicas" a reverem todos os seus conceitos sobre comportamento humano em busca de uma nova pedagogia sem favores que devolva à criança o que por direito lhe pertence.

- Texto compilado por José Humberto da Silva Filho e Maria Wanda Pereira, extraído das publicações: Projeto Alternativas de Atendimento aos Meninos de Rua - Uma Abordagem Crítica e É possível Educar na Rua?

